

A SABEDORIA E IRONIA DE SALOMÃO NO LIVRO DOS PROVÉRBIOS

Rafael José da Rocha¹

Milton Luiz Torres²

RESUMO

Este artigo percorre o livro dos Provérbios, atribuído a Salomão. O livro está inserido em coleção de livros sapienciais, incluídos no cânon bíblico. De início, a questão que este artigo se propôs a analisar, introdutoriamente, foi a questão do texto do livro dos Provérbios, bem como sua autoria e a data em que fora escrito. Em seguida, procedeu-se a análise das formas de ironia presentes no livro. A análise da ironia verificou que este recurso, conforme empregado no livro, é sucinto.

Palavras-Chave: Literatura Sapiencial. Ironia. Provérbios.

¹ Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP).

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: milton.torres@unasp.edu.br.

INTRODUÇÃO

Na Bíblia Hebraica, o livro de Provérbios traz alguns versos para os quais até os dias de hoje procuram-se interpretações. Composto por trinta e um capítulos o livro de Provérbios contém os conhecimentos da tradicional sabedoria judaica. Este projeto de monografia tem por intenção propor a análise da ironia que o autor usa para expressar suas ideias. De fato, o autor utiliza uma refinada forma de ironia ao propor seus conselhos.

De acordo com Heinisch (apud TORRES, 2009), a escrita do livro de Provérbios teria recebido influência de diferentes sistemas da filosofia grega, incluindo de tradições desenvolvidas a partir de Tales, Pitágoras, Heráclito, Anaxágoras, Platão, do estoicismo e do epicurismo. Uma questão delicada que é, portanto, levantada pelos estudiosos da sabedoria judaica inclui os problemas de datação da escrita e da verdadeira autoria do livro de Provérbios. Teria Salomão escrito a obra como a conhecemos? Seria ele o autor de todos os provérbios? Borg (2001) destaca que, embora fizesse parte da seção escriturística conhecida como escritos e fosse tradicionalmente associada a Salomão, essa literatura é difícil de datar, pois não faz referências a eventos históricos. Hoje, o consenso da crítica literária é de que pertença ao período pós-exílico, o que descartaria a autoria salomônica.

Este artigo tem por objetivo analisar, portanto, o livro de Provérbios quanto ao modo pelo qual o autor do livro organiza suas sentenças a fim de realçar sua ironia, especialmente através da repetição das mesmas ideias. De modo, que o trabalho se organiza em três tópicos principais. Em um primeiro momento aborda-se uma introdução geral do contexto em que o livro dos Provérbios está inserido. Depois ocorreram as análises que o trabalho se propôs a fazer. A segunda apresenta de forma geral, o que é ironia, e como ela se relaciona com o livro dos Provérbios. Em seguida foram feitas as análise dos tipos de ironias que aparecem no livro dos Provérbios.

O LIVRO DOS PROVÉRBIOS

A literatura sapiencial compreende um gênero literário, que foi grandemente explorado por filósofos e escritores gregos e judeus. Um dos livros mais conhecidos deste gênero é o livro dos Provérbios (“mashal”) atribuído a Salomão. Esse tipo de literatura não tem necessariamente um apelo religioso, mas sim algumas situações do cotidiano que são usadas como instruções para que as pessoas pudessem conseguir a felicidade e um bom convívio com a hierarquia. Borg (2001) afirma que essa literatura é, a princípio, uma forma de instrução ao povo da época. Na obra sapiencial são apresentadas algumas máximas que convidam o leitor a observar a gentileza, a bondade, a justiça e o autocontrole. Chavez (1976, p. 91-92) catalogou as mais antigas obras do movimento sapiencial, que são: a doutrina de Pth Hotep, faraó Izege da V dinastia (2500 a.C.); a

doutrina do faraó Merekari (1500 a.C.), a doutrina de Amenhet I (1300 a.C.); a doutrina de Ani (1000 a.C.); a sabedoria de Amenemope (600 a.C.). A poesia hebraica recebeu grande influência dessa coleção. Na Babilônia, a literatura sapiencial também remonta ao terceiro milênio antes de Cristo.

Na definição de Gabel e Wheeler (2003, p. 111-112), os Provérbios contêm materiais compostos por alguns autores ao longo de séculos, mas toma, em sua versão final, a forma de livro de instrução dos jovens sobre a natureza do mundo e sobre a conduta necessária ao sucesso nele. O livro sempre menciona uma ligação entre o comportamento e a fortuna na vida. Chavez (1976, p. 98) observa que, de modo geral, a literatura sapiencial judaica tinha como temática principal as três seguintes máximas: ensinamentos éticos universais, ensinamentos éticos morais e ensinamentos religiosos. Esses mesmos conceitos podem ser observados na literatura sapiencial que se seguiu.

Schultz (2009) faz uma abrangente exploração sobre a autoria e datação do livro dos Provérbios. A grande questão do livro dos Provérbios é que, por não fazer menção a fatos históricos, é difícil determinar a sua autoria e datação. Outra questão amplamente discutida é a influência da literatura sapiencial grega no livro (TORRES, 2009). Em Israel, a literatura sapiencial cobriu as dimensões e as províncias de um poderoso movimento espiritual e ganhou grande força no período helenista (CHAVEZ, 1976, p. 95). Salomão, o rei sábio, é considerado o pai da literatura sapiencial judaica. De acordo com Schultz (2009, p. 423-424), ele escrevera cerca de três mil provérbios e muita coisa se perdeu até hoje, pois o livro dos Provérbios tem apenas oitocentos versículos. Essa perda pode ter ocorrido quando os editores organizaram o livro. De acordo com Chavez (1976, p. 96), o *mashal* literário constitui uma unidade independente de formação. Isso vai de encontro à teoria de que o livro recebera influências da literatura grega. Segundo Chavez (1976, p. 88) a análise deve ser feita levando em consideração os processos intelectuais desenvolvidos pelos autores para a criação do *mashal* (Provérbios). Para ele, isso é produto de uma inspiração súbita e não de uma elaboração intelectual.

A função principal da literatura sapiencial é o ensino pautado nas instruções que nela estão embutidas. No período helenista, esses livros eram usados por sábios chamados escribas na educação dos filhos. Esses mesmos ensinamentos eram repetidos em casa com os pais. Os provérbios eram muito utilizados por trazerem ideias simples de serem entendidas e fáceis de serem memorizadas. As máximas que são colocadas na literatura sapiencial, giram em torno da reflexão sobre a vida, pois era necessário refletir para ser sábio. Passa também pelos ensinamentos éticos universais, pois era preciso aprender a boa convivência em sociedade. Nela se encontram, ainda, os ensinamentos éticos religiosos. Segundo Chavez (1976, p. 99), o livro de Provérbios está cheio desses ensinamentos. A literatura sapiencial aponta para o homem como ele é e não como deveria ser. Uma obra muito famosa da literatura sapiencial é o livro de Jó da Babilônia que tem muitas semelhanças com o livro de Jó da Bíblia. O Jó da Babilônia é um rei que é assolado por

todos os lados e, depois, é restabelecido pelo deus Marduque. Essa obra foi composta antes do período helenista. Nela, fica evidenciado o politeísmo, e essa pode ser a questão que o diferencia do livro de Jó da bíblia.

Gabel e Wheeler (2003, p. 109) apontam para os filósofos e detentores do conhecimento sapiencial como sendo eles mesmos os responsáveis pelo que sabemos hoje do período em que este gênero estava em evidência, período em que o livro dos Provérbios foi escrito.

A data de Provérbios é um assunto para o qual até os dias de hoje se procura uma solução. Segundo Kidner (1992, p. 26), por volta do ano 700 a.C., o livro ainda estava sendo compilado. Isso descartaria a autoria de Salomão, que vivera cerca de 250 anos antes. Ainda de Ezequias (715-686 a.C.), o autor corrobora, assim, a teoria de Kidner. Porém, em dado momento, Chavez diz que o livro teria sido organizado por volta do ano 150 a.C.. De acordo com Kidner, os sábios apareceram tarde na história da sabedoria israelita. Isso supõe que Provérbios tenham sido escritos no período pós-exílico, embora contenham muito material do período pré-exílico. Isso denota uma atenuada influência do pensamento grego e persa. Mais especificamente a maturidade que demonstram os capítulos 1-9 indica que dificilmente surgiram antes do século V ou III a.C. Segundo Torres (2009),

O consenso dos estudiosos é que pertença ao período pós-exílico. Além dos livros canônicos de Provérbios (500 a.C.), Jó (600 ou 500 a.C.) e Eclesiastes ou Qohélet (300 a.C.), a literatura sapiencial inclui, ainda, os livros de Eclesiástico ou Siraque (200 a.C.), Sabedoria de Salomão (100 a.C.) e Salmos de Salomão (70 a.C.). Seu tom é inteiramente diferente do Pentateuco e dos livros proféticos, dando mais atenção ao indivíduo e à família.

De acordo com Borg (2001), o livro foi escrito ou organizado (já que, para ele, é bastante improvável que tenha sido escrito por apenas um autor) por volta do ano 500 a.C. Schultz (2009, p. 423), porém, data o livro entre 650 e 600 a.C. Por isso, ainda é difícil estabelecer uma data exata para o livro. Segundo Ellissen (1996, p. 182), os críticos modernos apontam que o livro de Provérbios foi compilado após o exílio, mas não dá motivos para se rejeitar o ponto de vista tradicional de que foi Salomão quem reuniu ou escreveu os capítulos 1-24. Neste caso, a data provável seria aproximadamente 950 a.C. (na metade do seu reinado) e aproximadamente 725-700 a.C. para os últimos capítulos, 25-31. Gabel e Wheeler (2003, p. 107-111) dizem que não há dúvidas de que Salomão não escreveu o livro dos Provérbios nem tampouco Eclesiastes, que também é atribuído a ele, e apontam o livro dos Provérbios como sendo do século VI a.C, citando ainda que apenas os três livros canônicos fazem referência ao culto monoteísta. Uma vez que durante e após o exílio os escritores sapienciais não davam muita atenção para esse ponto, o livro de Provérbios faz mais referência à justiça e à causa e efeito do que à influência da religião na vida das pessoa. Diante das informações apresentadas, fica

evidente que não se pode estabelecer uma data definitiva em que o livro dos Provérbios tenha sido escrito.

Segundo Barker e Kohlenberger (1994, p. 938), não se podem datar os últimos capítulos do livro dos Provérbios, pois se parecem com documentos de Amenomope (1580-1100 a.C.). O comentário afirma que apenas os primeiros nove capítulos podem ser atribuídos inteiramente a Salomão. Kidner (1992, p. 27-28) adota, porém, a posição mais conservadora de que Salomão escreveu todo o livro. Da mesma forma, para Ellissen (1996, p. 182), o livro dos Provérbios pode ser atribuído a Salomão, Ezequias e seus compiladores, como aparece no próprio livro. Ellissen parte do ponto de vista tradicional, ao afirmar que os provérbios surgiram em uma época de grande reavivamento espiritual. No início do reinado de Salomão, houve uma grande consagração espiritual e, nos dias de Ezequias, houve um novo despertar espiritual. Ellissen dá ênfase a essa argumentação, e afirma que os provérbios não só trazem reflexões de sabedoria, como também ensinamentos sobre como o povo podia viver no temor do Senhor.

A questão da autoria do livro é tão complexa quando a data em que este foi escrito. Uma das teorias relevantes é a de Gabel e Wheeler (2003, p. 107). Estes defendem que não foi Salomão quem escreveu o livro de Provérbios. Eles dizem que, embora não saibamos quem foram os autores, sabemos alguma coisa sobre o grupo do antigo Israel a que pertenceram os autores: “um grupo chamado simplesmente de sábios”. Schultz (2009, p. 424-425) afirma que Salomão escrevera apenas os capítulos de 1-9 e que os capítulos restantes teriam sido compilados por Ezequias e seus homens (os escribas). Além disso, existiriam capítulos que teriam sido escritos por sábios do período helenista e inseridos no livro como sendo de Salomão.

A principal causa por não haver uma unanimidade quanto à data e autoria dos livros sapienciais é que estes, inclusive o livro de Provérbios, não fazem menção a nenhum fato histórico que os coloque em um contexto para, então, ser determinada uma data. O livro dos Provérbios, se escrito realmente por Salomão, pode, no decorrer dos séculos, ter sofrido alguma edição do texto original, deixando algumas de suas seções parecidas com documentos de épocas diferentes. Para os propósitos deste artigo, referências a Salomão como autor de Provérbios não pressupõem uma resolução das questões levantadas quanto à autoria do livro, mas simplesmente o desejo prático de conformação com uma tradição literária amplamente difundida.

A ESTRUTURA DO LIVRO DOS PROVÉRBIOS: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA IRONIA

Primeiramente é necessário conceituar o termo ironia. Meucke (1995, p. 22) expõe que o conceito de ironia é vago, instável e multiforme. A palavra ironia não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país o que

pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar em sala de aula de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca. Esse é um termo que pode variar o significado de acordo com a filosofia que se segue, ou em culturas diferentes. No livro dos Provérbios, há uma porção de artifícios literários que se encaixam sob o grande termo que é a ironia. Os pesquisadores não apontam para o livro como sendo uma elaboração irônica, de acordo os significados de ironia que muitas vezes são atribuídos a Sócrates e Platão como os primeiros a usarem a ironia. Isso parece confirmado pelas teorias já que o uso da ironia pelo autor de Provérbios não parece consciente. A ironia subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é (MAINGUENEAU, 1989, p. 98). O livro dos Provérbios pode ser analisado sob a perspectiva da ironia, embora esse recurso literário esteja apenas sucintamente presente no livro.

De acordo com Faraco e Moura (1999, p. 580), ironia consiste em exprimir, intencionalmente, o contrário do que se pensa. O autor de uma ironia dá sempre a entender que expressou uma ideia aparentemente contrária à que desejava. Geralmente revela intenção depreciativa ou sarcástica. No livro dos Provérbios, o uso da ironia parece ter a crítica como objetivo maior. Dessa forma, o livro usa um tipo de ironia que é empregado pelo autor para provocar no leitor uma reflexão. Um exemplo de ironia no livro dos Provérbios é o provérbio que diz: “Como vinagre para os dentes, como fumaça para os olhos, assim é o preguiçoso para aqueles que o mandam.” 10:26.

O livro é composto por grandes conjuntos de ironias que dissertam sobre o modo de se viver bem. Do capítulo dez em diante é notável o número de “mas” que o autor usa. Esse recurso é classificado pelos estudiosos como antítese. No livro, assim como é apresentado o modo de se viver com sabedoria, o autor não deixa de citar que se pode viver sem ser sábio, porém considera os que não aceitam seus conselhos, como sendo loucos.

O livro, embora repleto de conselhos, pode trazer uma visão de mundo em que a bondade e bom convívio com a sociedade dependem de uma vida que está sob a direção da sabedoria. De acordo com Jordan (apud BRAIT 1996, p. 46), a ironia e sátira, assim como o humor e a paródia, passam a fazer parte do que ela chama de “tipos de discursos cômicos”, com base numa perspectiva que privilegia a abordagem linguística. Para ela, esses quatro tipos de discurso estão de alguma maneira relacionados ao riso. Porém, no livro dos Provérbios, pode ser vista uma característica marcante da ironia, que é não ser necessariamente cômica.

O humor que há no livro não é capaz de provocar um efeito cômico que provoque o riso de imediato. É necessário que o leitor leia nas entrelinhas, e perceba uma ironia que, às vezes, passa despercebida ao leitor menos atento. Isso ocorre, por exemplo, em: 23:1-2: Quando te assentares a comer com um governador, atenta bem para aquele que

está diante de ti; e põe uma faca à tua garganta, se fores homem de grande apetite. Parece um simples conselho, porém a forma como o autor organiza a sentença tem um efeito de ironia. O efeito de comicidade advém do fato de que o comensal deve fechar a boca diante de uma autoridade para não passar por uma situação de constrangimento.

Em uma análise da concepção de ironia de Denise Jordan (1988), segundo qual a ironia faz parte de tipos de discursos cômicos, Brait (1996, p. 58) diz que

Contudo, aceitando-se a tipologia estabelecida por Denise Jordan e sem desprezar os aspectos linguísticos, ironia pode ser enfrentada como um discurso que através de mecanismos dialógicos oferece-se basicamente como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração de polêmica ou mesmo como estratégia defensiva. É possível, assim abandonar uma série caracterizada como sendo a das figuras de linguagem, da frase de efeito que compõe um texto, e mesmo da comicidade, delineando-se o horizonte de uma outra perspectiva. Esta, concebendo a ironia como uma forma de discurso, pode compreender o humor, a paródia, a intertextualidade, a interdiscursividade outros elementos elencados no universo anteriormente mencionado, como mecanismos que participam, ao mesmo tempo ou não, da estruturação de um discurso irônico, ou que se oferecem como efeito de sentido provocado pela ironia.

A partir dessa concepção de ironia, pode-se dizer que a estrutura apresenta Provérbios como um livro cheiro de ironias. Isso não implica que o autor, ao escrever ou organizar o livro, tenha pretendido deixá-lo assim como é. A principal ironia parece ser que o autor deixa implícito nas suas colocações que o leitor faz exatamente o contrário do que aconselham os seus provérbios.

Tipos de Ironias

No livro, podem ser vistas várias formas de ironias. Três delas aparecem em maior evidência: a ironia psicológica, a ironia antitética e a ironia ligeiramente sarcástica. O livro não apresenta, porém, uma comicidade tão sarcástica a ponto de despertar, no leitor, um senso de humor chulo. O que transparece nos diversos provérbios é o recurso a uma ironia refinada e sucinta.

Ironia psicológica

A ironia se manifesta em muitos provérbios do livro como um elemento de humor implícito. A ironia se define basicamente quando o enunciado significa o contrário daquilo que parece dizer. Segundo Freud (1977, p. 51), a única técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário.

Segundo as pesquisas neurológicas citadas por Rodrigues et al. (2004, p. 83), a região frontal esquerda é sensível a metáforas, ao passo que a região temporal direita é sensível a enunciados irônicos. Esses resultados reforçam a ideia de que o hemisfério direito está diferencialmente envolvido na compreensão de ironias. O livro dos Provérbios é uma fonte de ironias psicológicas, que remetem o leitor aos fatos vividos ou presenciados. Uma forma de ironia psicológica pode ser vista logo no início do livro quando o autor convida o leitor a ser sábio. O capítulo 8 é um convite da própria sabedoria ao leitor. Nele parece que o narrador dá voz à personagem sabedoria e deixa que ela mesma faça o seu apelo. Isso fica evidente em 8:12 que diz: “Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e acho a ciência dos conselhos.” Nesse mesmo capítulo, o autor faz uma ironia psicológica, ao encerrar o capítulo com o provérbio: 8:32: “Mas o que pecar contra mim violentará a sua própria alma; todos os que me aborrecem amam a morte.” Pode ser considerada arbitrária essa posição que a voz da sabedoria assume diante do receptor, colocando o receptor diante de duas opções: escolher ser sábio ou não. Contudo, a própria sabedoria mostra o melhor caminho para o receptor. Não amar a sabedoria nessa ocasião significa que o leitor é louco e ama a morte. Nesse capítulo, a sabedoria se promove como sendo onipotente. Desde que começou o mundo, ela estava lá, e promete continuar com aqueles que a procuram.

Em 20:14 afirma-se: “Nada vale, nada vale, diz o comprador, mas indo-se, então, se gaba.” Trata-se de um tipo comum de discurso irônico, pois o autor expõe que nada vale e, logo em seguida, mostra que o mesmo que disse que nada vale desfaz a afirmação. Em “Melhor é morar no canto de um eirado do que com a mulher rixosa na mesma casa” (21:9), a mulher rixosa representa o mal do qual o homem quer se livrar. No caso, é melhor que ele fique só no canto de um eirado. A ironia reside no fato de que o autor não está recomendando a solidão. Sua solução se aplica unicamente à situação desditosa na qual se encontra o marido.

De acordo com Freud (1977, p. 113), a ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em consequência dessa condição, a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal entendida.

Ironia antitética

A ironia estabelecida pelo contraste entre o otimismo e o pessimismo ocorre quando o autor se refere às pessoas do mundo, classificando-as de duas formas: os que fazem o que a sabedoria pede e alcançam o sucesso, e os que seguem caminhos diferentes e, conseqüentemente, sucumbem ao fracasso. Ao desenvolver esse tipo de classificação, o sábio expõe a ideologia de que o caminho ideal para alcançar as coisas boas é seguir os conselhos da sabedoria.

Segundo Fiorin (2005, p. 79), quando se afirma no enunciado e se nega na enunciação, estabelece-se a figura que a retórica denominou antífrase ou ironia. É comum opor duas ideias, para que uma se sobreponha. Nos provérbios este recurso é comumente utilizado pelo autor. O autor várias vezes opõe duas ideias, fazendo com que essa oposição soe de forma ligeiramente irônica. Uma ideia, aconselhada pelo autor, mostra o caminho sábio com todas as suas recompensas, e outra apresenta o destino de quem não escolhe o caminho sábio, bem como todas as suas consequências. Esse recurso é visto, com maior frequência, a partir do capítulo 10. Alguns provérbios que apresentam essa ironia são:

10:1: “provérbios de Salomão. O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho louco é a tristeza de sua mãe.”

11:18: “O ímpio recebe um salário enganoso, mas, para o que semeia justiça, haverá galardão certo.”

12:4: “A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como apodrecimento nos seus ossos.”

13:25: “O justo come até que a sua alma fique satisfeita, mas o ventre dos ímpios terá necessidade.”

17:22: “O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos.”

De um lado, pode ser visto que o autor mostra o caminho que se deve seguir; e, de outro, o que não se deve. Ao fazer isso, acaba criando uma ligação entre ambos. Esses provérbios se justificam como irônicos à medida que o autor deixa entendido que tudo pode ser uma questão de escolha entre dois caminhos – uma espécie de bifurcação. Essa assim-chamada “diérese bifurcatória” era uma técnica da pedagogia filosófica com uma longa tradição na Antiguidade, tendo chegado a seu desenvolvimento máximo no Sofista e no Político, de Platão (TORRES, 2007, p. 68).

Ironia ligeiramente sarcástica

Uma ironia não se realiza necessariamente pela sua comicidade, porém, as ironias mais perceptíveis pelos receptores são as que provocam um senso de humor e riso imediato. Esse tipo de ironia é o que pode ser considerado como uma ironia sarcástica. O livro dos Provérbios apresenta uma ironia refinada que está longe de ser genuinamente sarcástica. No entanto, parece que, ao longo do livro, o autor deixa escapar alguns provérbios que provocam o humor e o riso de seus leitores. Alguns exemplos disso:

11:22: “Como joia de ouro em focinho de porca, assim é a mulher formosa que se aparta da razão.”

22:13: “Diz o preguiçoso: Um leão está lá fora; serei morto no meio das ruas.”

27:1: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz.”

30:20: “Tal é o caminho da mulher adúltera: come, e limpa a boca, e diz: não cometi maldade.”

Esses versos servem como exemplo de ironias em que há um humor mais destacado. O humor nesses provérbios ocorre justamente quando o leitor se depara com um tipo de situação hipotética, porém possível. De acordo com Faraco e Moura (1999, p. 580), normalmente, para ser percebida, a ironia depende de um contexto mais amplo que uma simples frase. Pode depender ainda do contexto extralinguístico, ou seja, da situação em que foi empregada. No entanto, a ironia ligeiramente sarcástica de Provérbios tem como marca principal o fato de que não depende de nenhum auxílio extralinguístico para estabelecer a desvantagem caricatural daquele que é seu objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Maingueneau (2005, p. 175), existem semelhanças e diferenças entre o provérbio e a ironia. Ambos implicam um enunciador que deixa perceber na própria voz, por meio de uma entonação característica, a voz de um outro, ao qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado. Com relação ao provérbio, porém, “o outro” é uma instância valorizada e reivindicada indiretamente pelo enunciador, enquanto na ironia o outro é desqualificado. Isso quer dizer que, para um provérbio ser irônico, é importante considerar a interpretação que o co-enunciador faz do provérbio de acordo com um conhecimento possivelmente considerado como compartilhado. Nesse sentido o estudo do provérbio é de certa forma, um estudo que envolve muito mais que a mera análise do teor de um conselho. A ironia no livro dos Provérbios é justificada quando o autor postula que há pontos de vistas variados sobre determinado assunto, no entanto há uma opção que é mais sensato que se escolha.

A ironia no livro dos Provérbios é, portanto, um artifício literário que o autor usa para tecer uma complexidade de ideias em forma de conselhos universais.

REFERÊNCIAS

BARKER, Kenneth L.; KOHLENBERGER III, John. (Eds.). **NIV Bible commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

- BORG, Marcus J. **Reading the Bible again for the first time**: taking the Bible seriously but not literally. San Francisco: Harper, 2001.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 1996.
- CHAVEZ, Moises. **Proverbios**: reflexion de la vida. Buenos Aires: Mundo Hispano, 1976.
- ELLISEN, A. Stanley. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. Trad. Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Vida, 1996.
- FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Gramática**. São Paulo: Ática, 1999.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2003.
- KIDNER, Derek. **Provérbios**: introdução e comentários. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1992.
- POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/UNICAMP, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RODRIGUES, Cassio et al. **Linguagens e cérebro humano**: contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- TORRES, Milton L. **A influência do conceito de felicidade da poesia arcaica grega na literatura judaica pós-exílica**. VIII Semana de Pós-graduação em Estudos Clássicos e Medievais da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- TORRES, Milton L. **A sã doutrina**: medicina nas epístolas pastorais e na Tábula de Cebes. São Paulo: Allprint, 2007.